

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ: ESOTERISMO, RELIGIÃO E POLÍTICA NAS AMÉRICAS (SÉCULOS XIX-XXI)

| 140

Juan Pablo Bubello (Professor da
Universidad de Buenos Aires)

Warley Brant Pimentel (Professor do
IFMG-Campus Governador
Valadares/estágio pós-doutoral PUC-
Minas)

Wellington Teodoro da Silva (professor
da PUC-Minas)

O presente dossiê surgiu de duas necessidades que vimos com significativa urgência: uma maior compreensão de questões que circundam as religiosidades e as distintas práticas que as permeiam, por um lado; por outro, as relações entre essas religiosidades e práticas com a contemporaneidade, principalmente com o campo da política, cuja permeabilidade vem transformando as democracias ao redor do planeta.

Ao longo do século XX e início do XXI, a historiografia se dedicou profundamente ao estudo do político, das relações sociais e da cultura – em suas mais diversas matrizes e camadas –, enquanto o campo do religioso permaneceu um assunto tangencial. Parecia que o historiador, cauteloso e buscando reforçar seu caráter laico, olhava com desconfiança para o campo do sacro e do místico – quiçá ainda o considerando um aspecto do atraso, como o resquício de um “mundo encantado”, a caminho da extinção no sentido do progresso – ainda que, em suas análises, a progressão linear do tempo fosse um claro equívoco.

O Ocidente passou por distintas ondas de modernização, sendo o Renascimento e a Revolução Científica que o segue, bem como o Iluminismo, surgido no século XVIII e disseminado ao longo dos séculos XIX e XX, as mais óbvias delas. Nosso olhar para estes fatos históricos, sem que nos déssemos conta,

muitas vezes foi guiado por uma perspectiva racional e progressivamente desencantada do devir histórico. É verdade que desde o século XIX, autores como Jacob Burckhardt, em seu parcial, mas belíssimo livro *A cultura do Renascimento na Itália* (1860), e Jean Delumeau, em seus profundos *A civilização do Renascimento* e *História do medo no Ocidente* (1978), já demonstraram como o desenvolvimento científico avançou em consonância com práticas esotéricas, como a astrologia, a alquimia e as premonições. Também não é preciso muito esforço para se lembrar dos inúmeros historiadores do período moderno, europeus e latino-americanos, que se dedicaram a investigar as religiosidades populares e suas práticas, muitas vezes consideradas desviantes do discurso oficial da Igreja Católica. No entanto, ao propormos este dossiê, tínhamos em vista outra perspectiva.

Se não são raras as análises que se dedicam às religiosidades populares e suas práticas na Idade Moderna, é igualmente um ponto a se observar que a partir do século XVIII, e principalmente XIX, estas mesmas religiosidades e práticas, ao serem enquadradas no discurso científico como “superstições”, “crendices” e “charlatanismo” foram muitas vezes associadas ao atraso social ou mesmo a uma baixa capacidade intelectual das pessoas menos instruídas de compreender os discursos modernos e científicas. Se parte dessa historiografia se dedicava a analisar as mudanças nos argumentos apresentados pelas elites e pelas instituições políticas e científicas para (des)classificar os credos populares, por outro lado, os avanços historiográficos na investigação das práticas e representações que envolvem o sagrado e o místico na contemporaneidade foram impulsionados por pesquisas pontuais e/ou esforços de grupos de pesquisa, como o Centro de Estudos sobre o Esoterismo Ocidental da América Latina e o Seminário de Esoterismo desde América Latina. No que tange às relações entre religião e política, o campo das Ciências da Religião, em franco diálogo com a historiografia, busca preencher diversas lacunas investigativas na tentativa de compreender o sacro como objeto principal de análise.

O dossiê que o leitor tem diante de si talvez seja seu primeiro acesso a novos campos de pesquisa, mas surge também como um alerta: nos últimos séculos, não só o Ocidente continuou habitado por bruxas, astrólogos, alquimistas, mas também o próprio processo de modernização, mesmo após o Iluminismo, continuou produzindo novas relações com o não visível e o sacro, como bem ilustra o caso do espiritismo, no qual práticas esotéricas se relacionam com o discurso científico e político.

Neste ponto também aparece uma nova dificuldade: se o campo da religião, apesar de pouco estudado, ao menos se refere a algo familiar, o mesmo não acontece com o campo do esoterismo. De difícil definição, o esoterismo abrange distintas correntes e práticas que muitas vezes se interrelacionam e, em outras, entram em conflito. Dinâmico, vivo e em intensa permeabilidade com o mundo científico e político, o esoterismo, marcado por crenças místicas, rituais de iniciação, e por práticas e elementos que se dispõem como uma constelação ao universo de seus praticantes, enfrenta o frágil equilíbrio entre os campos científico e religioso. O presente dossiê não consegue esgotar esta constelação de temas, mas essa tarefa, além de impossível, passa longe de nossa intenção. Antes, ela se situa no delicado e prazeroso equilíbrio de proporcionar novas análises aos investigadores latino-americanos e de ser um convite aos interessados por estes campos ainda pouco explorados, seja ele o da história das religiões, seja o da história do esoterismo. Em relação à história do esoterismo, é importante ressaltar que se em alguns países da América Latina, como a Argentina, o Brasil (veja seu vínculo com a Argentina no CEEA) e o México, já se encontrem grupos especializados em sua investigação, ainda se faz necessário um maior reconhecimento do campo por historiadores de outras áreas. Nesse sentido, o mistério que envolve o objeto do investigador do esoterismo parece se coadunar com o mistério de um território no qual ainda há muito o que ser explorado.

Finalmente, é necessário pontuar que a investigação crítica do(s) esoterismo(s) e das religiões é fundamental para a compreensão da modernidade, pois, assim como não houve desenvolvimento da ciência moderna sem a presença

de práticas esotéricas, tampouco se pode compreender plenamente a ascensão das extremas direitas nos séculos XX e XXI sem o estudo do esoterismo e da religião. A crítica à “dialética do esclarecimento” presente no nazismo, tal como Adorno e Horkheimer enxergaram, pode ser enriquecida por uma análise mais profunda dos aspectos místicos compartilhados por diversos membros do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP); a ascensão do bolsonarismo no Brasil não pode ser dissociada da presença de seu “guru”, Olavo de Carvalho, nem da permanência em seu pensamento de diversos elementos do Tradicionalismo esotérico fundado no início do século XX por René Guénon; não se compreende o presente sem analisar a presença das ideias do italiano Julius Evola em personagens-chave da história contemporânea, como Steve Bannon e do ex-chanceler brasileiro, Ernesto Araújo; ou entender o Brasil atual sem prestar atenção no eleitorado católico e evangélico e sem se aprofundar nos diversos sentidos que o termo “fundamentalismo religioso” carrega.

Como mencionado, o presente dossiê oferece uma nuance desse amplo universo. Nele, o leitor poderá sentir um breve gosto dos mistérios que envolvem os supracitados campos e, caso o mistério o desafie, se sentirá motivado o suficiente para seguir em frente, na insolúvel tarefa de desvendar os múltiplos significados do místico. Insolúvel pois por mais que se avance, o mistério sempre envolve o objeto. E aí reside o seu fascínio.

Nesta edição, a análise da permanência da bruxaria no imaginário social, tal qual no passado, anda de mãos dadas com a valorização do feminino através do universo mágico; o advento do espiritismo apresenta novas nuances das primeiras ideias socialistas; compreende-se redes de sociabilidade e pontos em comum entre as extremas direitas latino-americanas; o catolicismo se relaciona ao peronismo; o sagrado se alinha ao político na formação da identidade nacional estadunidense.

Trata-se de uma pequena amostra de que o mundo não se transformou na “jaula de ferro” weberiana e que o mágico sobreviveu aos processos de racionalização. Acima de tudo, a importância do presente dossiê reside na



qualidade de seus textos, que se transformam (transmutam?) em um convite para novas investigações nos campos supracitados. Afinal, se existe algo de atemporal na investigação histórica, é que ela sempre foi movida pelo mistério.